



Embrapa é parceira em pesquisas de 80% das instituições do país

Empresa agropecuária tem 42 unidades de pesquisas pelo Brasil; USP é recordista de publicações conjuntas

Livia Andrade

SÃO PAULO Oito em cada dez universidades brasileiras fizeram pesquisas recentemente em parceria com a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária).

Dados do RUF (Ranking Universitário Folha) mostram ainda que a Embrapa produziu 5.822 artigos acadêmicos com alguma das 196 universidades brasileiras de 2011 a 2015. O volume corresponde a 81% de tudo que foi publicado pela Embrapa no período.

"De acordo com a necessidade, procuramos parceiros com grupos de pesquisa com aquele conhecimento", diz Bruno dos Santos Alves Brasil, pesquisador-chefe da Secretaria de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa. "A ideia é produzir mais impacto."

O estado do Rio Grande do Sul é o maior produtor de arroz do país. Pesquisa recente da Embrapa, em parceria com a UFSM (Universidade de Santa Maria) e com Instituto Rio Grandense do Arroz, aprimorou o Zoneamento Agrícola de Risco Climático do arroz irrigado.

O indicador orienta o agricultor sobre o período ideal para o plantio e permite estimar a produtividade.

Hoje, a Embrapa possui 42 unidades de pesquisas espalhadas pelo Brasil. "O objetivo

é levar desenvolvimento científico para as cadeias produtivas locais", diz Alves Brasil.

Há unidades no Amapá e em Roraima direcionadas à aquicultura e pesca, conservação dos recursos da biodiversidade, agricultura familiar e indígena. Isso explica o porquê de as universidades estaduais das duas regiões serem campeãs, em termos percentuais, de publicações em colaboração com a Embrapa.

Mais de um terço de tudo o que essas instituições publicaram entre 2011 e 2015 foi em parceria com a empresa.

Em números absolutos, a USP é a recordista com 856 trabalhos publicados em conjunto com a instituição no período analisado pelo RUF.

Há ainda outras formas de parceria da Embrapa com universidades: convênios para formação de estudantes, laboratórios multiusuários e unidades mistas de pesquisa.

O biólogo Leonardo José da

Silva foi um dos estagiários da Embrapa no seu doutorado em microbiologia agrícola na Esalq (escola de agricultura da USP) defendido no mês passado.

Ele utilizou um dos laboratórios da empresa para identificar microrganismos da Antártica com propriedade de inibir tumores de mama, pulmão, rim e próstata.

Muito comum no exterior, as unidades mistas de pesquisa são parcerias de empresas com universidades focadas em um tema específico. A primeira da Embrapa no Brasil é junto com a Unicamp e está direcionada à genômica aplicada a mudanças climáticas.

"Um grupo da Embrapa fica alocado no campus da universidade, o que permite um intercâmbio muito rico com os professores", diz Brasil.

As pesquisas em parceria com a Embrapa não entram na fórmula do RUF no novo componente que avalia os trabalhos acadêmicos das universidades feitos com o setor produtivo (responsável por 2% da nota de cada instituição).

A própria Embrapa, apesar do nome, define-se mais como instituição de pesquisa pública do que como uma empresa.

Esse novo componente do RUF olha para as pesquisas feitas com empresas como Petróbras, Novartis e IBM.

Colaborou Estêvão Gamba

A Embrapa e o ensino

157 das 196 universidades brasileiras têm estudos recentes com a Embrapa

20 universidades do país têm pelo menos 10% de sua produção acadêmica em parceria com a Embrapa

Universidades com mais estudos feitos com a Embrapa

Universidades	Número de estudos feitos em parceria	% do total de publicações da universidade
1 USP	856	1,8
2 Unesp	612	3,3
3 Federal de Viçosa	536	9,6
4 UnB	513	8,5
5 Federal de Lavras	383	11,6
6 Federal de Pelotas	296	9,3
7 UFRGS	283	2,2
8 UFSCar	269	5
9 Unicamp	250	1,5
10 Federal Rural do Rio de Janeiro	226	12,6

Universidades em que a Embrapa tem maior participação no total publicado

Universidades	Número de estudos feitos em parceria	% do total de publicações da universidade
1 Estadual do Amapá	15	44,1
2 Estadual de Roraima	7	35,0
3 Universidade de Rio Verde	24	32,4
4 Universidade do Contestado	11	24,4
5 Federal do Recôncavo da Bahia	136	23,9
6 Federal de Roraima	30	20,3
7 Católica de Brasília	113	19,4
8 Católica Dom Bosco	22	18,8
9 Estadual do Vale de Acaará	19	17,9
10 Federal do Amapá	23	15,0

Fonte: Web of Science (2011-2015)

Recursos para estudos vêm dos setores público e privado, do Tesouro Nacional, do BNDES e das agências de fomento



4 estudos foram publicados por dia, em média, em parceria da Embrapa com universidades brasileiras no período (2011-2015)



Oito em cada dez estudos que a Embrapa produz são em parceria com universidades brasileiras



Metade desses estudos estão em quatro áreas: agricultura multidisciplinar, agronomia, estudo das plantas e veterinária





Escolas na cabeça do ranking concentram os bolsistas de mestrado e doutorado

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS. Os dados do novo RUF mostram que há forte correlação entre a política nacional de concessão de bolsas de pesquisa e a produtividade científica das principais universidades do país.

Com poucas exceções, as dez instituições no topo do RUF também são as que mais obtêm bolsas de mestrado, doutorado e outras modalidades dos órgãos federais de fomento à pesquisa.

É o caso da USP, primeira colocada no ranking de pes-

quisa e no montante de bolsas de estudo.

Em 2016, pesquisadores da universidade receberam R\$ 209 milhões em bolsas da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), enquanto R\$ 148 milhões foram destinados a bolsistas do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

A lógica por trás é simples: jovens bolsistas de mestrado e doutorado são os principais responsáveis pelo cotidiano da pesquisa científica.

“Se existe outro modelo

além desse, eu desconheço”, diz o físico Luiz Davidovich, presidente da ABC (Academia Brasileira de Ciências) e professor da UFRJ (Universi-

Jovens pesquisadores trazem novas ideias e arejam a maneira de pensar das equipes de desenvolvimento das universidades

dade Federal do Rio), segunda colocada entre as instituições que mais recebem essas bolsas.

São esses jovens que estão disponíveis para monitorar um experimento no laboratório de madrugada ou no fim de semana. E, principalmente, são eles que trazem novas ideias e arejam a maneira de pensar das equipes de pesquisa, segundo Davidovich.

O biofísico Jerson Lima Silva, professor da UFRJ e ex diretor científico da Faperj, fundação de amparo à pesquisa do Rio, destaca o crescimento da participação dos bolsistas de pós-doutorado na produção científica brasileira nos últimos dez anos, embora mestrandos e doutorandos ainda sejam mais numerosos.

Segundo ele, a manutenção desses bolsistas foi responsável pela produção científica do Rio de Janeiro não ter sido comprometida totalmente nesses anos de crise.

O bioquímico Rafael Roessler, professor da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), terceira instituição a receber mais bolsas, calcula já ter orientado cerca de 30 mestrandos e por volta de 20 doutorandos ao longo de sua carreira. Entre 80% e 90% desses pesquisadores iniciantes eram bolsistas, estima ele.

Roessler, porém, destaca a importância das bolsas de iniciação científica, destinadas quase sempre a alunos que ainda estão cursando a graduação, como ferramenta para formar cientistas.

